



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
GERÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO



BRUNA FRANCIELLE DA LUZ ROSA

MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O 1º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

MEDIANEIRA PR

2013

BRUNA FRANCIELLE DA LUZ ROSA

**MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O 1º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso como
requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em educação da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Aprigio

MEDIANEIRA PR

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Gerência de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação



TERMO DE APROVAÇÃO

Métodos de alfabetização: contribuições para alfabetização do 1º ano do ensino fundamental de nove anos

Por

Bruna Francielle da Luz Rosa

Esta monografia foi apresentada às 21 hs do dia 22 **de novembro de 2013** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em Educação: Métodos e técnicas de ensino, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho. Aprovado

Prof. Dr. ANTONIO APRIGIO
(orientador)

Profº ANDRIELE DE PRÁ CARVALHO
UTFPR – Campus Medianeira

Profº CLAUDIMARA CASSOLI BORTOLOTO
UTFPR – Campus

Dedico este trabalho à minha família, por
entender os momentos de ausência e
aqueles que me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Devo primeiramente agradecimento a Deus que me deu força para a realização e conclusão deste trabalho, a minha família que sempre me apoiou, ao meu esposo por ter paciência, aos amigos e aqueles que por motivo da pesquisa precisei me ausentar e a todos que de maneira direta e indireta fizeram parte deste trabalho. O meu: muito obrigada!

... um processo de desenvolvimento que efetivamente considere o homem como preocupação central, terá educação como setor fundamental. (SAVIANI, 2008)

RESUMO

ROSA, Bruna Francielle da L. Métodos de alfabetização: contribuições para alfabetização do 1º ano do ensino fundamental de nove anos. 2013. 31 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

O presente trabalho apresenta uma análise sucinta sobre como alguns métodos de alfabetização são vistos e aplicados tanto por especialistas como por um grupo de docentes atuais, sendo os docentes, participantes de forma direta nas respostas a um questionário, aplicado aos docentes alfabetizadores da rede municipal de ensino, em uma escola na cidade de Foz do Iguaçu, faz referência com as peculiaridades do universo infantil, principalmente com a mudança na lei da educação, antecipando a idade obrigatória para a alfabetização agora aos seis anos. Revê como ocorreram as reformas nas práticas e leis educacionais, no decorrer da história brasileira, visa relacionar essa trajetória com os discursos de hoje, referentes à temática. As possíveis dificuldades e/ou facilidades da execução da nova lei foram discutidas com a contribuição de alguns pensadores e especialistas do meio educacional sendo Piaget, Vygotsky, Emilia Ferreiro, Telma Weizs e Fernando Capovilla, onde expressam por meio de seus estudos como acontece o desenvolvimento intelectual e social da criança, de como ela se apropria da linguagem escrita e o uso social da mesma, feito assim um recorte no que se refere aos primeiros anos da vida escolar. Com essa base teórica fazer uma análise sobre uma discussão antiga, mas ainda presente, sobre qual seria a melhor forma ou método para alfabetizar. Entender algumas maneiras de sanar as dificuldades na alfabetização.

Palavras-chave: Métodos de alfabetização. Linguagem escrita. Desenvolvimento. Alfabetização.

ABSTRACT

ROSA, Bruna Francielle da L. Métodos de alfabetização: contribuições para alfabetização do 1º ano do ensino fundamental de nove anos. 2013. 31 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This paper presents a brief analysis about how some methods of literacy are viewed and applied by both experts as a group of current teachers, with teachers, participating directly in the responses to a questionnaire applied to teachers of literacy municipal teaching in a school in the city of Foz do Iguaçu, refers to the peculiarities of the infant universe, especially with the change in education law, anticipating the mandatory age for literacy now age six. Reviews how the reforms in the educational practices and laws occurred in the course of Brazilian history, this course aims to relate with speeches today, referring to the theme. Possible difficulties and / or facilities of the implementation of the new law were discussed with the contribution of some thinkers and experts in the educational environment with Piaget, Vygotsky, Emilia Ferreiro, Telma Weisz and Fernando Capovilla, where they express through their studies as in the development intellectual and social development of the child, as she appropriates the written language and the social use of the same , just made a cut with respect to the first years of school life. With this theoretical base to make a scan on an old thread, but still present, on what would be the best way or method to teach literacy. . Understand some ways to remedy difficulties in literacy.

Keywords: Methods of literacy. Written language. Development. Literacy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	12
2.1 A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	12
2.2 MÉTODO FÔNICO	14
2.3 O CONSTRUTIVISMO.....	15
2.4 LETRAMENTO	16
3 METODOLOGIA.....	18
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	19
4.1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	19
4.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	21
4.3 A “GUERRA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO”	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE A -	35

1 INTRODUÇÃO

O mundo vive atualmente um momento de transformações impactantes e tem a tecnologia como principal agente, que faz parte do dia a dia de qualquer ser humano e com tantas informações que chegam cada vez com mais facilidade em todos os lares, a sociedade mostra-se mais crítica. No que diz respeito à educação não acontece o contrário, pois estudiosos ressaltam cada vez mais a importância da valorização educacional.

Sendo a educação o reflexo da sociedade, educadores buscam maneiras de aperfeiçoamento para poder acompanhar essa evolução global. Esse é um processo complexo onde envolve todos os níveis da educação, principalmente na organização da educação no Brasil, com isso professores alfabetizadores procuram ampliar seus conhecimentos com diferentes metodologias e teorias, visam adequá-las as suas necessidades profissionais, pois os anos iniciais de escolarização têm o importante papel de formar a base educacional discente.

Entende-se que por se tratar de algo significativo no campo educativo e de repercussão nacional, a existência da contínua briga entre os métodos de alfabetização, gera um desequilíbrio nas ações pedagógicas, onde educadores não conseguem encontrar o principal valor de se alfabetizar, envolvendo-se nessa discussão de melhor método. Isso geral ganhos sim, mas não ao aluno, que deveria ser o maior beneficiado, a uma rede corrupta de âmbito político visando o crescimento do capitalismo.

Partindo dessa perspectiva para entender como essas mudanças refletem na aprendizagem e no avanço educacional, essa pesquisa analisou como docentes selecionam seus materiais e a metodologia para aplicar em sala de aula, no processo de ensino e aprendizagem, aos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Pretendeu-se assim identificar quais são os métodos utilizados por um determinado grupo de professores de uma escola na rede municipal na cidade de Foz do Iguaçu. Será que os professores seguem fieis á apenas um método? Que critérios utilizam na escolha do mesmo? Os resultados são os esperados?

Na busca dessas repostas, foram analisados os trabalhos de diversas personalidades importantes na área da educação, Telma Weisz (2013) com a teoria construtivista, o atual Fernando Capovilla (2005) com o método fônico e a teoria do conceito de letramento de Emília Ferreiro (2010) também explicada por Magda Soares (2006), para então ser ter uma base do ritmo e o futuro da nossa educação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Uma das maiores preocupações para o desenvolvimento de uma nação está relacionada à educação, precisamente a educação escolar, pois são nos espaços escolares que o indivíduo se constitui como cidadão, tendo em vista seu pleno desenvolvimento intelectual e social, tudo isso de acordo com a lei norteadora da educação, Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDBEN 9394/96. Contudo o Ministério da Educação e da Cultura – MEC, tem se importado em analisar como acontece o processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas do país.

A mudança na legislação educacional, referente ao ensino fundamental de nove anos, gerou discussão entre educadores e estudiosos sobre a antecipação do processo de alfabetização, agora aos seis anos. Assim

A mudança do ensino fundamental de nove anos,... faz com que se repense o trabalho a ser realizado, considerando-se as suas características. Ou seja, a proposta pedagógica precisa ter como ponto de referência as peculiaridades infantis, as características de desenvolvimento e aprendizagem e a realidade do contexto socioeconômico e cultural no qual os educandos encontram-se inseridos. (RAPOPORT *et al*, 2009)

Isso dá espaço para outra questão antiga, mas que ainda se encontra presente no meio educacional, “Como alfabetizar? Por onde começar? Pelos nomes das letras, pelos sons das letras, pelas sílabas, por palavras-chaves, por sentenças ou por histórias?” (MORTATTI, 2009, p. 92), essas são algumas das preocupações em debate entre educadores. São vários os autores que discorrem sobre o assunto, defendem ou criticam teorias, entre eles destacam-se Fernando Capovilla (CAPOVILLA, 2005), com sua teoria sobre o método fônico; Telma Weisz (WEISZ, 2013) defende sua concepção construtivista e não se pode deixar de discutir também sobre outro conceito de alfabetização o letramento abordado por Emília Ferreiro (FERREIRO, 2010) e Magda Soares (SOARES, 2006).

Antes da apresentação das teorias citadas, vale ressaltar que essas teorias se encaixam dentro de um mesmo referencial, podendo ser denominadas como linhas

pedagógicas ou como diz a autora Mizukami (MIZUKAMI, 1986) “As abordagens do processo”, sendo que esse referencial comum sempre objetiva a priori: o objeto, o sujeito, ou na interação de ambos.

Mizukami não incluiu em seus estudos a abordagem escolanovista, introduzida no Brasil através do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (Anísio Teixeira, Gustavo Capanema e outros), a partir da década de 1930. Ela justifica sua opção por considerar que essa abordagem pode ser tomada como didaticista, por suas atribuições aos aspectos didáticos, e por possuir diretrizes incluídas em outras abordagens. Argumenta ainda que, as demais abordagens, apresentadas por ela, apresentam justificativas teóricas ou evidências empíricas. (MIZUKAMI, 1986, p. 1)

Pode-se considerar 5 abordagens segundo Mizukami (MIZUKAMI, 1986):

Tradicional – Onde o conhecimento é restrito ao professor, cujo tem o dever de transmitir, e o aluno o dever de decorar, pois só “aprende” aquele que reproduz o conteúdo assim como é dado. Tem como metodologia a aula expositiva, onde o professor apresenta o conteúdo e não considera as diferenças no ritmo de aprendizagem dos alunos.

Comportamentalista – Tem o conhecimento como base da experiência. A educação tem como propósito nessa abordagem a transmissão cultural, baseada no condicionamento, onde reforça determinado conteúdo, assim como o método de Skinner associado ao behaviorismo, que responde de maneira previsível á certos estímulos.

Humanista – Díspar do tradicional, onde o centro do conhecimento está no professor sendo o aluno considerado uma tábua rasa, nessa teoria liberdade é palavra chave, o aluno desenvolve sua personalidade de acordo com suas capacidades, o professor não age como transmissor e sim como facilitador da aprendizagem. O aluno determina seu ritmo e auto avalia-se, pois só ele sabe da sua capacidade e objetivo. Não segue uma metodologia específica, cada professor deve analisar a necessidade de cada aluno para desenvolver seu trabalho.

Cognitivista – Tem Jean Piaget (MIZUKAMI, 1986) como um dos grandes pensadores dessa linha. O conhecimento é tratado como uma construção contínua, trabalhado a partir do meio, o social, “Tudo o que se aprende é assimilado por uma

estrutura já existente e provoca uma reestruturação.” (MIZUKAMI, 1986, p. 10). Nesse processo o conhecimento é o meio entre o sujeito e o objeto de estudo.

Sócio-cultural – Essa linha tem como principais teóricos Lev Vygotsky e no Brasil Paulo Freire (MIZUKAMI, 1986). O conhecimento é desenvolvido a partir de problematização e do diálogo, para inserir o aluno em sua realidade, a escola é vista como espaço cultural, a aprendizagem acontece com a inter-relação, em debates, analisa-se sua própria existência e vivencia-se em grupos.

Com isso pode-se situar os métodos de alfabetização em relação às linhas pedagógicas apresentadas no decorrer da pesquisa. Ressalvo que o objeto de estudo dessa pesquisa analisou os principais métodos utilizados atualmente, porém existem vários outros métodos que não citados aqui, mas que fizeram parte do processo de reconhecimento e valorização da alfabetização no país.

2.2 MÉTODO FÔNICO

Estudos sobre o método fônico no Brasil apresentam diversas discussões sobre sua aplicabilidade na educação, parte de pesquisas feitas em outros países, ao apontar dados de avaliações sobre o melhor método. Usam como base, estudos feitos nos Estados Unidos, quando em 1997, preocupados com a queda no desempenho de seus alunos o Instituto Nacional de Saúde da Criança e de Desenvolvimento Humano, em conjunto com a Secretaria de Educação, organizaram uma banca examinadora, onde professores universitários de faculdades de educação, pesquisadores, professores do ensino infantil e fundamental, administradores educacionais e pais, avaliaram cerca de 115 mil estudos científicos publicados até aquela data. (CAPOVILLA *et al*, 2004)

O trabalho que durou três anos resultou na publicação do relatório intitulado por: *“Ensinando crianças a ler: uma avaliação baseada em dados da bibliografia de pesquisa científica sobre leitura e suas implicações para a alfabetização.”* que contém as diretrizes fundamentais para a alfabetização bem sucedida.” (CAPOVILLA *et al*, 2004, p. 14)

Para entender como acontece o processo da aquisição da leitura e da escrita alfabética nessa linha metodológica, considera-se o processo de desenvolvimento

dessas competências, onde se resume em atividade para treinar a consciência fonológica e a relação entre os grafemas e fonemas.

Destaca-se que:

...a criança passa por três estágios na aquisição de leitura e escrita: 1) o *logográfico*, em que ela trata a palavra escrita como se fosse uma representação pictoideográfica e visual do referente; 2) o *alfabético* em que, com o desenvolvimento da rota fonológica, a criança aprende a fazer decodificação grafofonêmica; e 3) o *ortográfico* em que, com o desenvolvimento da rota lexical, a criança aprende a fazer leitura visual direta de palavras de alta frequência. (CAPOVILLA *et al*, 2004, p. 16)

No primeiro estágio a criança não consegue identificar a relação entre o grafema e o fonema, ela vê o texto como um desenho representativo, onde considera a priori a letra inicial de cada “desenho” (palavra); no segundo estágio a criança avança e consegue fazer a correspondência grafofonêmica e no terceiro apresenta facilidade na identificação e leitura de palavras complexas.

2.3 O CONSTRUTIVISMO

Teorias construtivistas tiveram início com o movimento iluminista no século XVIII. Visto como uma filosofia interacionista, o construtivismo aborda o ensino e a aprendizagem sob outro ângulo, destaca a relação que ocorre entre o *sujeito* e o *objeto*. “Entenda-se por sujeito aquele que conhece ou quer conhecer e, por objeto, o próprio conhecimento.” (NOGUEIRA, 1998, p. 36)

Piaget é um dos pioneiros dessa teoria, considera que o conhecimento vive em constante transformação, de acordo com a ação do sujeito sobre o meio. (NOGUEIRA, 1998)

Divergente das teorias tradicionais o construtivismo foca na interação do sujeito e o objeto, a teoria contempla o papel ativo do sujeito na construção do saber. Primeiramente se valoriza a aprendizagem e não o ensino, na aprendizagem contextualizada, não se utiliza frases sem sentido, sem relação com a realidade da criança. (NOGUEIRA, 1998)

As ações dos sujeitos são organizadas de acordo com os esquemas de assimilação, possibilitando relação entre aquilo que se escreve e aquilo que se lê. Não há valorização, dessa forma, apenas daquilo que se transmite por meio da leitura e escrita; valoriza-se, sim, a ação de interpretar o que está lendo. (NOGUEIRA, 1998, p. 36).

Essa teoria não pode ser abordada como uma metodologia, pois busca entender como o aluno aprende e não dita métodos de como fazê-lo. Desenvolve seu trabalho por meio da construção do objetivo, sendo assim não se pode apresentar uma maneira singular, porque cada indivíduo tem sua bagagem de conhecimento, o que se aplica para um determinado grupo não serve da mesma forma para o outro.

2.4 LETRAMENTO

O letramento vem sendo abordado no Brasil desde os anos 80, onde a autora Leda Verdiani Tfouni em 1988 lançou: *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, uma das primeiras obras a usar o letramento. Apesar de não se tratar de um assunto novo, o termo vem sendo discutido com mais insistência no final dos anos 90, aonde sua interpretação vem sendo moldada com estudos de vários autores como Ângela Kleiman em *Os significados do letramento* (1995) e Roxane Rojo em *Alfabetização e letramento* (1998), já relacionando os dois conceitos citados no título. (SOARES, 2006).

Para melhor entender o conceito em destaque é necessário uma análise que vai do “analfabeto” ao letramento, assim como explica Mortatti (2004), a palavra analfabeto permanece com seu significado remontado desde o século XVIII, sendo ele: o ignorante das letras, que não sabe ler nem escrever.

Após o “analfabeto” “ao final do século XIX passou a ser utilizada a palavra ‘analfabetismo’, para designar o problema que envolvia o estado ou condição de analfabeto.” (MORTATTI, 2004, p. 38).

Passado o tempo com a criação de ‘analfabeto’ e ‘analfabetismo’, foram necessárias as utilizações de palavras que instituísem a condição do ato de ler e escrever, ‘alfabetizar’ e ‘alfabetismo’. (MORTATTI, 2004). Só então se fez necessário o ressurgimento de ‘letramento’ e ‘letrado’.

No *Houssais*, para “letramento” acrescentam-se duas acepções: “mesmo que alfabetização (‘processo’), e, por influencia da palavra inglesa “*literacy*”, “conquista de práticas que denotam a capacidade do uso de diferentes tipos de material escrito”; para “letrado”, acrescentou-se: “que ou aquele que é capaz de usar diferentes tipos de material escrito”. (MORTATTI, 2004, p. 41)

Sendo assim o letramento não deve ser confundido com a alfabetização, pois são processos diferentes, mas complementares. Saber ler e escrever, ser alfabetizado, não significa que o individuo seja letrado, para tanto é necessário que além do ato de ler e escrever, simplesmente dominar o código, se faça o uso social das práticas de leitura e escrita, apropriar-se dela, como Magda Soares (1998, p. 4) explica: “apropriar-se da escrita é tornar a escrita ‘própria’, ou seja, é assumi-la como sua ‘propriedade’”.

Essas são as teorias que ganham mais destaque na atualidade, mas afirmar que são eficazes é algo que precisa ser estudado.

Atualmente esse “duelo dos métodos” como usa Cagliari (SILVA, 2007) está mais constante, pois envolve mais do que a eficácia do determinado método, existe inúmeros fatores envolvidos, questões políticas, sociais e culturais.

3 METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido com essa pesquisa se deu a partir da pesquisa de campo, onde se utilizou de um questionário para análise dos dados coletados, sendo complementada com a pesquisa bibliográfica para assim relacionar os resultados dos questionários com as teorias de estudiosos sobre a temática.

Além dos estudos de campo e bibliográfico o trabalho traz uma abordagem qualitativa, para melhor avaliar os fatos subjetivos submetidos à análise de maneira mais realista, tentando aproximar ao máximo do que acontece.

Tal pesquisa procura introduzir um rigor que não é o da precisão numérica aos fenômenos que não são passíveis de ser estudados quantitativamente, tais como, angústia, ansiedade, medo, alegria, cólera, amor, tristeza, solidão etc. Esses fenômenos apresentam dimensões pessoais e podem ser mais apropriadamente pesquisados na abordagem qualitativa. (RAMPAZZO, 2005, p. 59).

O questionário foi aplicado a três professoras de uma escola municipal do ensino fundamental na cidade de Foz do Iguaçu, as professoras alfabetizadoras apresentaram, de forma diferenciada, conhecimento em lecionar em turmas do 1º ano do ensino fundamental. Referente à pesquisa bibliográfica, foram utilizados livros particulares adquiridos para este fim e a internet como ferramenta para busca materiais diversos.

A pesquisa foi realizada no período de formação no curso de especialização em educação da UTFPR, nos anos de 2012 e 2013.

Além de alguns conhecimentos já adquiridos no decorrer da própria ação docente a pesquisa foi realizada com ilustres contribuições teóricas, de estudiosos na área de educação e também de professores com diversificada bagagem de experiência sobre a temática.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM A EDUCAÇÃO ESCOLAR

A família, o lar, é o principal e primeiro agente responsável pelo contato com a linguagem de qualquer pessoa, mas é na escola que se abrem as portas para o mundo das grandes descobertas, do conhecimento científico, da linguagem e da cultura. Tendo em vista o contexto escolar para essa formação, mostra-se a influência do bom desenvolvimento no início da alfabetização.

Mudanças na legislação da educação, principalmente a que se refere ao ensino fundamental de nove anos, fizeram com que vários educadores revissem suas práticas e critérios sobre a alfabetização, pois atualmente as crianças iniciam o 1º ano do ensino fundamental aos seis anos de acordo com a Lei nº 11.274/06, apenas um ano a menos do que se exigia anteriormente, porém “Experiências sobre como se lê e como se escreve e para que servem a leitura e a escrita têm início, para a maioria das crianças, antes de entrarem na escola.” (BARBATO, 2008, p. 13)

O contato com o mundo das informações tem facilitado essa aproximação do indivíduo com o conhecimento, principalmente com a disseminação do uso da tecnologia, da informática e seus recursos da internet, o que é muito comum hoje em dia, mas se essa antecipação fará diferença ou não, envolve muitos fatores tanto internos à escola, nos processos educacionais; como externos, no ambiente onde a criança cresce e convive.

Assim interessa analisar como acontecem os processos de aprendizagem no universo infantil, para isso destaca-se a seguir dois grandes pensadores de referência na educação.

No que diz respeito ao tempo cronológico do desenvolvimento cognitivo (RAPOPORT *et al*, 2009) cita Piaget, onde afirma que em sua teoria dos estágios de desenvolvimento, o período entre os seis e sete anos configura-se como um divisor de águas entre os pensamentos ligados ao imaginário da criança e a preocupação de adaptação no mundo real. Ela está em transição entre os períodos, pré-operatório e operações concretas, essa transformação “depende de características muito particulares de interação entre a criança e o meio em que vive não apenas da idade cronológica.” (RAPOPORT *et al*, 2009,p. 10)

Destaca também dois processos na aprendizagem, que agem de maneira simultânea e complementar: a assimilação, que é tudo o que podemos aprender com o que já construímos em nossa mente; e, a acomodação, faz as alterações ocorridas na organização mental do que foi assimilado e permite a assimilação do novo. (RAPOPORT, *et al*, 2009)

Já para Vygotsky como esclarece Rapoport (RAPOPORT *et al*, 2009), o desenvolvimento intelectual não ocorre simplesmente pelo amadurecimento biológico e sim de forma dialética, com interferência do ambiente, pois ambos estão em constante transformação. Na escola o relacionamento entre pares, professor e aluno, é favorável para aprendizagem da criança. As fases de desenvolvimento acontecem de maneira particular, pois a mesma situação pode provocar estímulos diferentes em crianças com mesma faixa etária, isso ocorre devidos às diferenças nos estímulos que cada uma sofre no seu entorno sociocultural.

A partir disso pode-se analisar como as instituições escolares tratam suas modificações que vão além da inclusão de mais um ano, assim afirma o MEC, não se tratar da simples transferência de conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas de organizar uma nova estrutura e considerar as características de seus alunos. (RAPOPORT, *et al*, 2009)

A escola tem um papel determinante nesse processo, deve estar bem preparada, nos quesitos pedagógicos, nos materiais e estrutura, pois assim como existem crianças que já possuem uma bagagem de vida escolar, seja na educação infantil ou com estímulos pela família, também existem aquelas que nunca tiveram contado com esse “mundo de aprendizagens sistematizadas”.

Esses cuidados devem ser estudados e bem aplicados para essas crianças que, nessa nova lei, ficarão mais tempo na escola, não se frustrem e acarrete em outro problema, a evasão escolar. Como se trata do “primeiro ano” na escola, além dos aspectos de cunho pedagógico existe a responsabilidade da participação ativa dos pais ou responsáveis nesse processo de aprendizagem discente, o que muitas vezes é negligenciado do planejamento escolar, a participação da comunidade.

Saber organizar o planejamento de acordo com seu tempo disponível é outro desafio, lecionar e aproveitar tudo o que uma criança precisa para desenvolver-se bem, em seus aspectos físicos e sociais juntamente com o aprendizado científico,

demanda tempo além do conhecimento, sendo assim o educador deve “qualificar didaticamente seu tempo”. Com tudo o planejamento deve ser flexível, pois cada aluno tem seu ritmo de aprendizagem. (BRASIL. MEC/SEB, 2007)

Por se tratar de um processo com tal complexidade, a alfabetização de uma criança, entender como tudo isso aconteceu na prática mostra-se relevante e entender os caminhos traçados pelo sistema educacional no país.

4.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Para apresentar e analisar alguns dos mais importantes momentos da história dos processos educacionais brasileiro tem-se como referência o trabalho de Dermeval Saviani (2008) “*A história das idéias pedagógicas no Brasil*”, onde destaca oito principais momentos das ideias pedagógicas.

- O primeiro momento pode-se dizer que teve seu início já a partir da colonização portuguesa, em 1500. Precisamente em 1549, foi quando o primeiro governador, Tomé de Souza, trouxe os jesuítas para converter os gentios, com isso os padres guiados por Manuel de Nobrega, instituíram as primeiras escolas e colégios com seminários, foram esses os primeiros registros de ação pedagógica no país. A educação se mesclava com ensinamentos religiosos (a catequese), o preparo para desenvolver o intelectual, no que era trivial como aprender a ler, escrever e contar; e, a cultural e suas tradições com a imposição da igreja católica. Os índios tinham de aprender o português e a doutrina cristã.

Observa-se que nesse período a educação acontecia com intenções extremamente tradicionais, que seus colonizadores os impunham.

Porém a população existente no Brasil, os índios, tinham antes da chegada de Portugal, seu modo de educar, a partir da transmissão de seus costumes, onde se aprendia na prática, sem discriminação de classes, pois tratava-se de um povo com expressão ao chamado comunismo primitivo. (SAVIANI, 2008).

- O segundo momento marcante, foi quando Marques de Pombal em 1759 expulsou os jesuítas. Até o momento prevalecia a pedagogia tradicional com vertente ao

monopólio, cultivando a subordinação e a dependência. Um pouco antes da expulsão dos jesuítas, o documento do Alvará de 28 de junho desse ano, “atevese à reforma dos ‘estudos menores’” (SAVIANI, 2008, p. 82), aconteceu aí uma grande reforma, todas as escolas e colégios liderados pelos jesuítas foram extintos. Com essa reforma foi criado o “diretor de estudos”, que tinha o objetivo de supervisionar o ensino, elaborar um relatório anual e advertir e punir os professores que não cumprissem as regras.

Trançado um novo caminho agora com influência do laicismo ao desencadear um período de liberdade e progresso, do iluminismo. Mesmo assim ainda prevaleciam ações tradicionais. (SAVIANI, 2008).

- A educação foi dominada pelas classes dominantes até aproximadamente 1930. No momento de transição do Brasil Monarquia para o Brasil República. Toda essa abordagem tradicional imperou até 1924 quando a partir disso a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE) conseguiu a superação dos ideais tradicionais, mas foi o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” em 1932 que marcou essa transformação, travando uma acirrada briga com os religiosos, intencionados em intervir na organização da educação e modernizá-la. (SAVIANI, 2008).

Esse documento de autoria de Fernando de Azevedo teve a colaboração de mais 26 intelectuais, entre eles Anísio Teixeira, Afranio Peixoto, Cecília Meirelles... (XAVIER, 2004).

- Em 1947 inicia-se a elaboração do anteprojeto da 1ª Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, tentando fixar diretrizes através da lei promulgada pelo Congresso Nacional. A comissão criada para a elaboração do anteprojeto tinha o trabalho de manter forte o movimento que lutava pela renovação contrária ao movimento tradicional. (SAVIANI, 2008).
- As séries iniciais não eram valorizadas até esse momento e só começaram a ter importância com a criação da primeira de LDBEN 4.024/61 que torna obrigatória a inserção de crianças a partir de sete anos de idade na escola definindo como deveria acontecer o ensino:

Art. 25. O ensino primário tem por fim o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e a sua integração no meio físico e social.

Art. 26. O ensino primário será ministrado, no mínimo, em quatro séries anuais.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino poderão estender a sua duração até seis anos, ampliando, nos dois últimos, os conhecimentos do aluno e iniciando-o em técnicas de artes aplicadas, adequadas ao sexo e à idade.

Art. 27. O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. (BRASIL, 1961).

Praticantes da pedagogia tradicional tentaram incorporar aspectos da linha renovadora, principalmente no que se refere a metodologia organizacional. Nesse tempo com a revolução industrial o país passava por mais um período de crise, então inicia no Brasil o movimento tecnicista na educação. (SAVIANI, 2008).

- O predomínio da pedagogia tecnicista foi por volta de 1969, quando entra em vigor a “Lei nº 5.540 (reforma universitária) regulamentada pelo Decreto nº 464 de 11 de fevereiro de 1969 e aprovação do parecer 252/69, que introduziu habilidades técnicas no curso de pedagogia.” (SAVIANI, 2008, p. 16).

Críticos intelectuais contrariavam a pedagogia atual inspirados nas teorias crítico-reprodutivista reforçando o modo de produção capitalista. (SAVIANI, 2008).

- Em 1980 acontece a I Conferência Brasileira de Educação, colocando em pauta as necessidades de ultrapassar a pedagogia oficial, para reformular a pedagogia histórico-crítica, porém que não fosse reprodutivista. (SAVIANI, 2008).
- Com a última Conferência Brasileira de Educação em 1991, dá-se início a implementação de novas propostas educacionais, os conceitos modernos da educação, neoconstrutivismo, neoescolanovismo e neotecnicismo. (SAVIANI, 2008).

O percurso da educação, principalmente da alfabetização, não aconteceram por acaso, pois, tais mudanças ocorreram justamente quando o país passava por transformações políticas, não obstante das teorias atuais que atendem as condições sociais e a interesses políticos.

A discussão parte agora do ponto de vista dos agentes responsáveis inseridos nesse mundo, os educadores, para relacionar essa prática com as teorias e métodos apresentados por alguns estudiosos da educação na atualidade.

4.3 A “GUERRA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO”

Nesse período em que “a educação” é tão discutida, repensar a organização e o planejamento escolar do Ensino Fundamental no seu ciclo inicial, diz respeito ao que se objetiva para o futuro. Partindo do ponto de vista de que a inclusão de alunos de seis anos no processo de alfabetização tem responsabilidade na (re) organização escolar e envolve todos os setores da educação, o seu impacto maior está em sala de aula, onde reflete toda e qualquer mudança envolvida, assim discutir sobre a temática com a contribuição de docentes alfabetizadores torna-se mais esclarecedor os resultados desse encadeamento.

Na realização do presente estudo foram analisados os questionários aplicados a três professores alfabetizadores de uma escola municipal na cidade de Foz do Iguaçu, com diferentes tempos de experiências.

A primeira professora, Maria, diz trabalhar a nove anos na educação e sete como alfabetizadora. Quando questionada sobre sua preparação para o ensino da leitura, afirma “utilizar histórias para enfatizar alguma palavra ou letra nova, apresentando também seu fonema, grafema e família silábica.” (Prof.^a MARIA) O que não diferencia da escrita, pois “apresentado o grafema a criança introduz a escrita aos poucos”. (Prof.^a MARIA).

No que se refere à linha metodológica, diz utilizar “o método fônico que é orientado pela Secretaria de Educação do município, aliado a outros métodos”. (Prof.^a MARIA). Os pontos positivos de se usar esse método, “o método fônico auxilia na fala e na escrita, diminuindo algumas dificuldades”. (Prof.^a MARIA) Já pontos negativos diz não ter, pelo fato de que “aproveita os pontos positivos de cada método, pois usando apenas uma metodologia pode-se não sanar as diversas dificuldades”.

Quando a professora afirma ser o método fônico, orientado pela Secretaria de Educação do município, está se referindo ao método apresentado pelo estudioso no

assunto Fernando Capovilla (2005), sendo o material didático utilizado em sala de aula o: “Alfabetização fônica: construindo competências de leitura e escrita: livro do aluno.” (CAPOVILLA, 2005). Tendo em vista que são seguidas as orientações do método fônico para organização do planejamento de aula. Lembrando que esse é o método adotado pelo município. Então esse método consiste resumidamente nas atividades fônicas e metafonológicas, sendo o fônico uma introdução sistêmica das correspondências grafofonêmicas para desenvolver a leitura e a escrita, já a metafonológica é a exercitação para consciência fonológica. (CAPOVILLA, 2005)

Assim como o autor cita esse método enfatiza o desenvolvimento da leitura e escrita a partir dos sons das letras (correspondências grafofonêmicas), iniciando por fonemas isolados para daí partir para palavras e construção de frases, utilizando-se de textos específico para este fim. Ao trabalhar os fonemas com os alunos para criar uma consciência fonológica, objetiva-se à representação da escrita como simples código de transcrição.

A segunda colaboradora da pesquisa, professora Sueli, relata atuar na educação e alfabetização, há vinte e dois anos. Seu planejamento para o ensino da leitura “parte-se da verbalização do aluno, em relação as suas necessidades, sentimentos, conhecimentos, bem como a expressão corporal para haver esse aspecto da comunicação. É trabalhado o ‘ouvir’ leituras, histórias, diálogos. O conhecimento das letras e seus fonemas que se juntam para formar palavras, frases, diferentes significados.” (Prof.^a SUELI).

No que é cerne à escrita, “é trabalhada desde o primeiro dia de aula, junto com a leitura, verbalização, interpretação, mas a apropriação da escrita demora mais. Trabalha-se com cópias, escrita coletiva e diferentes tipos de ditados aumentando o grau de dificuldade conforme a turma, ou o aluno, progride”. (Prof.^a SUELI).

Declara não seguir método específico, “trabalha-se com uma mistura de teorias, metodologias.” (Prof.^a SUELI). Não apresenta pontos positivos e nem negativos.

Temos então a terceira docente, Fátima, colaboradora que garantiu estar trabalhando há mais de vinte e cinco anos na alfabetização. Afirma ter uma “rotina de

leitura do alfabeto, família silábica, cartazes com palavras, músicas, parlendas. Preparo a aula com vários acessos à leitura.” (Prof.^a FÁTIMA).

Na escrita “trabalho com as quatro formas de letras, de maneira que cada criança use a que mais se adaptar para passar aos poucos para letra cursiva, uso pequenos textos, ditados, músicas, quadro e impressos”. (Prof.^a FÁTIMA).

Ao se questionada sobre a linha metodológica ou autor que segue, certifica que “basicamente estamos usando o método fônico do Capovilla, mas não fico presa só a ele, também trabalho com aquilo que acho que dá mais certo”. (Prof.^a FÁTIMA).

Diz também que o ponto positivo do método usado é que “facilita o aprendizado da leitura”. (Prof.^a FÁTIMA). Não tem pontos negativos, pois “são todos bons sabendo utilizar”. (Prof.^a FÁTIMA).

Contudo pode-se observar que apesar de alguns professores afirmarem existir um determinado método adotado, ou melhor, exigido pela rede do município, não conseguiram demonstrar interesse ou até mesmo conhecimento mais aprofundado sobre tal método, o que faz com que suas práticas aconteçam de acordo com o que cada uma percebe ter necessidade, pois nenhuma afirmou usar apenas um método específico.

A primeira professora foi a que apresentou mais traços do método fônico, pelo fato de que relatou trabalhar com os fonemas e grafemas, com letras isoladas ao partir para as famílias silábicas, que é uma das características do método.

Porém a mesma acaba em contradição ao afirmar que o método fônico auxilia na fala e diminui algumas dificuldades e precisa usar outros métodos para ajudar nos problemas que um método só não auxilia, o fato é que uma criança com dificuldade na fala e/ou com limitado acesso a leitura (sendo essa a realidade de muitas crianças das escolas públicas no país todo, devido a grande população de classe econômica baixa e pouco incentivo ao mundo letrado) não consegue sanar sua dificuldade e ainda acaba concluindo o período de alfabetização sem fazer a correspondência entre grafemas e fonemas. O educador que insistir nesse método sem o acompanhamento de um especialista, fonoaudiólogo, e formas diversificadas da apropriação da língua escrita, pode além de não ajudar no problema, retardar o processo de alfabetização.

No cerne das discussões entre as representações da língua escrita Emília Ferreira (2010) contribui ao esclarecer que a escrita aplicada como um código de transcrição faz a conversão de unidades sonoras em unidades gráficas, primando às percepções visuais e auditivas, sem levar em conta a natureza das unidades envolvidas, simplesmente na forma de mera exercitação de discriminação. Sendo a linguagem colocada em segundo plano, representada apenas como uma série de sons.

Tendo como embate as várias facetas apresentadas pelos colaboradores sobre teorias e métodos, busca-se entender a chamada “*Guerra entre os métodos de alfabetização*” averigua-se a abertura para discussão sobre os mesmos, publicada no Jornal Folha de São Paulo (GOIS, 2006, p. C1) intitulada por “MEC discute a volta do ‘vovô viu a uva’: governo vai rever o processo de alfabetização; debate opõe linha construtivista, predominante hoje no país, e o método fônico”, onde explica o surgimento de tal discussão devido ao preparo das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para as séries iniciais do ensino fundamental, ressalvo que nesse momento o ensino fundamental de nove anos não havia sido posto em prática, por isso a nomenclatura ‘séries’, mas essa discussão também fez parte de uma das questões em análise.

Nas palavras do então ministro da educação Fernando Haddad (GOIS, 2006, p. C1), ao Jornal Folha de São Paulo, diz ser um debate interessante envolvendo educadores de todo o país, a cerca da mudança do financiamento da educação e os altos índices de reprovação na antiga primeira série.

As Diretrizes Curriculares são aprovadas para compor o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, e o atual evidenciava influências construtivistas. Retomam-se os discursos das professoras, nota-se que pelos amplos anos de experiência com a alfabetização a segunda e a terceira professora demonstraram afinidade com a teoria construtivista, estudada por vários pensadores conceituados como Piaget, Vygotsky e Wallon, assim “A alfabetização é considerada, na teoria construtivista, um processo de aquisição e apropriação de uma forma de comunicação, que ocorre num ambiente social.” (NOGUEIRA, 1998, p. 15).

O debate desencadeado pelos especialistas, João Batista Araújo de Oliveira e Magda Soares, o primeiro especialista diz que “Qualquer método pode ensinar, mas

os países desenvolvidos já perceberam que o fônico é o mais eficiente...” (GOIS, 2006, p. C1). Contradizendo esse especialista, Soares afirma que a criança tem várias maneiras de aprender, “Uma dessas maneiras é a relação entre fonemas e letras, mas não é a única.” (GOIS, 2006, p. C1).

Com essa notícia pública, Telma Weisz (GOIS, 2006, p. A12) e Fernando Capovilla (GOIS, 2006, p. A12) cederam entrevista ao mesmo jornal, cada um defendendo suas ideias e fazendo suas explicações. Weisz (GOIS, 2006, p. A12) afirma que não é porque países como Estados Unidos, França e Inglaterra priorizam o método fônico que devemos segui-los, há quem diga que para pensar a educação não temos alternativas, por isso precisamos importar, mas devemos considerar o contexto de origem dessa aplicabilidade não apenas a ideia. (GOIS, 2006, p. A12).

Em contradição Capovilla (GOIS, 2006, p. A12) diz que pesquisas documentadas americanas, francesas e inglesas, apoiam a alfabetização fônica e condenam a linha construtivista como nociva à aprendizagem. (GOIS, 2006, p. A12).

Antes de chegar a conclusões sobre os conceitos de métodos, cabe lembrar que o fracasso escolar, principalmente em relação à alfabetização, esteve acentuado há aproximadamente dez anos ao trazer uma abordagem construtivista e tem como responsável pela sua efetivação nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, a estudiosa Telma Weisz (2013). Porém o que acontecia nas salas de aula estava longe de ser aplicado do que era direcionado no documento, docentes da época tinham práticas tradicionais (também conhecido como método silábico), muito acentuadas, o que com o tempo foi se mesclando com metodologias. (MORAIS, 2006).

Por outro lado o que julga Capovilla (2005) ser o melhor método nos países desenvolvidos não põe em pauta questões subjacente à realidade brasileira, pois enquanto crianças americanas, europeias entre outras, apresentam uma vida escolar de sucesso, os alunos brasileiros amargam com uma aprendizagem defasada. O que não foi considerado são questões socioeconômicas e culturais, cujos alunos dos países desenvolvidos têm como prática, antes da convivência escolar, vários estímulos em questões da aprendizagem, facilita o acesso e o desenvolvimento na escola. Considera-se entre outros inúmeros fatores, não se pode esquecer o tempo que esses alunos têm destinados ao estudo e as condições de trabalho dos devidos

educadores. Uma realidade totalmente distinta do que se vive no Brasil. (MORAIS, 2006).

Ao abordar a aquisição da língua escrita, importa evidenciar que “A escrita não é um produto escolar, mas sim um objetivo cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”. (FERREIRO, 2010, p. 44). Entender esse procedimento de maneira mecânica, conseqüentemente colabora para um aprendizado alienado da sua realidade, do meio social em que se faz presente, pois a escrita está presente em suas vivências, em tudo o que a rodeia, como os rótulos, placas, embalagens, na televisão, enfim... Não fazer a correspondência do objeto com sua função social pode ser denominado como uma pseudo aprendizagem.

Propositamente a última questão da pesquisa com os docentes, fala sobre o objetivo do ensino, ser alcançado satisfatoriamente com a utilização dos métodos apresentados. Todas afirmam alcançar, isso acontece devido à diversificação de métodos, conforme a segunda professora que “seguindo parcialmente diferentes teorias/metodologias os objetivos do ensino da leitura e da escrita são alcançados. Os objetivos não alcançados são por outras razões que não dependem da teoria adotada.” (Prof.^a SUELI). O último, já faz parte de outra discussão, as dificuldades de aprendizagem, que estão presentes no cotidiano escolar, mas que não fazem parte desse estudo.

Com tudo ao analisar o material disponibilizado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, que diz respeito a orientações pedagógicas para os anos iniciais, confirma as colocações finais das colaboradoras da pesquisa, indagam a alfabetização e o letramento como sendo processos de múltiplas facetas, na alfabetização a compreensão das relações fonemas-grafemas e as técnicas de convenções; e no letramento as competências necessárias para entender os diferentes gêneros textuais e suas funcionalidades sociais. (GUSSO *et al*, 2010).

A lei nº 11.274/06 do ensino fundamental de nove anos também não faz referências a nenhum método específico, simplesmente garante ensino obrigatório a partir dos seis anos de idade com atenção especial para sua adequação no ambiente escolar.

Chegam ao entendimento de que conforme a indispensabilidade e diversificação da alfabetização e do letramento agem assim simultaneamente, sendo assim não interessa mais, um único método para o desenvolvimento da aprendizagem inicial da língua escrita, mas sim apoiadas na mediação da criança alfabetizada e letrada para a entrada no mundo da escrita de maneira plena. (GUSSO *et al*, 2010). A idade de inicialização para a aprendizagem não denomina o fracasso, uma vez que as crianças de hoje apresentam mais facilidade para aprender do que as de tempos atrás, faz-se necessário que essa evolução seja de maneira igualmente acompanhada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da averiguação dos resultados chega-se ao entendimento de que a falta, ou melhor, o pouco investimento na formação continuada tanto pelo lado particular como o que é oferecido pelas redes de ensino público, não está atendendo as necessidades que são apresentadas nas instituições de ensino, outro fator considerável refere-se ao material didático utilizado, não se percebe um ponto em comum no objetivo do ensino com eficácia, pois não há relação entre os autores e os docentes que fazem parte da realidade escolar. Uma vez que para escolha do material deveria ser feito em conjunto e respeitar as especificidades de cada região, para criar uma ponte entre ambos com o objetivo em comum na aprendizagem.

Ao adotar uma única maneira de alfabetizar regressa-se ao tradicional, não considera a evolução universal, pois a educação é a área que mais reluta em acompanhar as transformações. Dizer que é necessário controlar o processo de alfabetização de modo sistematizado, reafirma o “remar contra a maré”, pois vários estudos confirmam que a criança aprende em todos os espaços e não condiz limitar essa descoberta apenas a escola.

Contudo o professor tem o papel de formar a criança para viver na sociedade, sendo assim, cabe ao mesmo analisar o que realmente se mostra pertinente ao seu aluno, não se prender aos interesses geralmente financeiros, impostos pelos governantes. O presente mostra-se com mais relevância a voz ativa, participativa e

mediadora do professor e faz desse processo uma descoberta por parte discente, não como regra ou etapa a ser atingido, passa a ser algo natural.

Por fim, não se pode afirmar a existência de método milagroso ou alguma receita pronta para o sucesso da alfabetização, muito menos que apenas uma teoria consiga resumir e chegar ao molde de se alfabetizar, pois alfabetizar vai além da simples codificação e decodificação, a língua está repleta de significados. Sendo assim o aperfeiçoamento constante do educador juntamente com as condições que os alunos apresentam, podem mostrar o melhor caminho a seguir. Não são apenas os métodos que definem o aprendizado. As mudanças no alfabetizar acontecem na postura de professores e não no livro didático ou determinado método.

REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. **A pedagogia na “era das revoluções”**: uma análise dos pensamentos de Pestalozzi e Froebel. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.

BARBATO, Silviane. [1963] **Integração de crianças de seis anos ao ensino fundamental**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **LEI DE DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO 4.024/61** Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%201961.htm Acesso em 10 ago. 2013.

_____. **LEI DE DIRETRIZES E BASE DA EDUCAÇÃO. 9394/96** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 10 ago. 2013.

_____. **LEI Nº 11.274/06**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm Acesso em: 10 ago. 2013.

_____. MEC/SEB. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. 2. ed. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf> Acesso em 28 set. 2013.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra *et al.* **Alfabetização**: método fônico. São Paulo: Memnon, 2004.

_____, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. **Alfabetização fônica**. Casa do Psicólogo, 2005.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOIS, Antônio. **Construtivismo x Método Fônico**. Programa busca gerar leitores competentes. Modelo é eficaz para fortalecer o raciocínio. Folha de São Paulo, São

Paulo, 6 de mar., 2006. Primeiro caderno A 12. Disponível em:
<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/03/06/2/> Acesso em: 01 de abril de 2013.

_____, Antônio. **MEC discute a volta do 'vovô viu a uva'**. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 de fev., 2006. Cotidiano C 1. Disponível em:
<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/02/11/15/> Acesso em: 01 de abril de 2013.

GOMES, Heloisa Maria; MARINS, Hiloko Ogihara. **A ação docente na educação profissional**. São Paulo: SENAC, 1970.

GUSSO, A. M. *et al.* **Ensino fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais**. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Educação, 2010.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil**: contribuições para metodizar o debate The “methods querela” on literacy in Brazil: contributions to methodize the debate. Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, v. 3, n. 5, p. 91-114, 2009.

_____, Maria Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília, 2006. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf
Acesso em: 02 de abril de 2013.

MORAIS, Artur Gomes de; BRASIL. **Concepções e metodologias de alfabetização**: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”? UFPE e CEEL, 2006. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf
Acesso em: 01 de outubro de 2013.

NOGUEIRA, Eliete J.; PILÃO, Jussara M. **Construtivismo**. Edições Loyola: São Paulo, 1998.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. Edições Loyola, 2005.

RAPOPORT, Andrea *et al.* **A criança de seis anos: no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 2006.

_____, Magda. O que é letramento e alfabetização. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

XAVIER, Libânia Nacif. **O Manifesto dos pioneiros da educação nova como divisor de águas na história da educação brasileira**. Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate, 2004.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2013.

APÊNDICE A -



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
GERÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO



APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO PARA TRABALHOS ACADÊMICOS

Pseudônimo: _____

Essas questões foram elaboradas com o intuito de proporcionar liberdade no ato da resposta, portanto tente responder com franqueza, pois os dados aqui coletados estarão em sigilo absoluto, sendo utilizado para análise e interpretação relacionando-o com o embasamento teórico referente a temática. Sua identidade está em total sigilo.

1- A quanto tempo você trabalha na área de educação? E na alfabetização?

R: _____

2- Como é a organização do seu planejamento para a alfabetização no que diz respeito ao ensino da leitura? Você tem uma rotina para esse processo?

R: _____

3- E com a escrita?

R: _____

4- Você segue alguma linha metodologica, algum autor, para alfabetização? Qual?

R: _____

5- Para você quais são os pontos positivos dessa metodologia?

R: _____

6- E os pontos negativos?

R: _____

7- Você consegue alcançar o objetivo do ensino da escrita e da leitura de maneira satisfatória, seguindo essa teoria/metodologia? Explique

R: _____
